Globethics Repository



Cognição, cultura e educação [Cognition, culture and education]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Bulcão de Moraes, Renato
Publisher	Espaço Ética Ltda.
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-09 09:33:58
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/233821

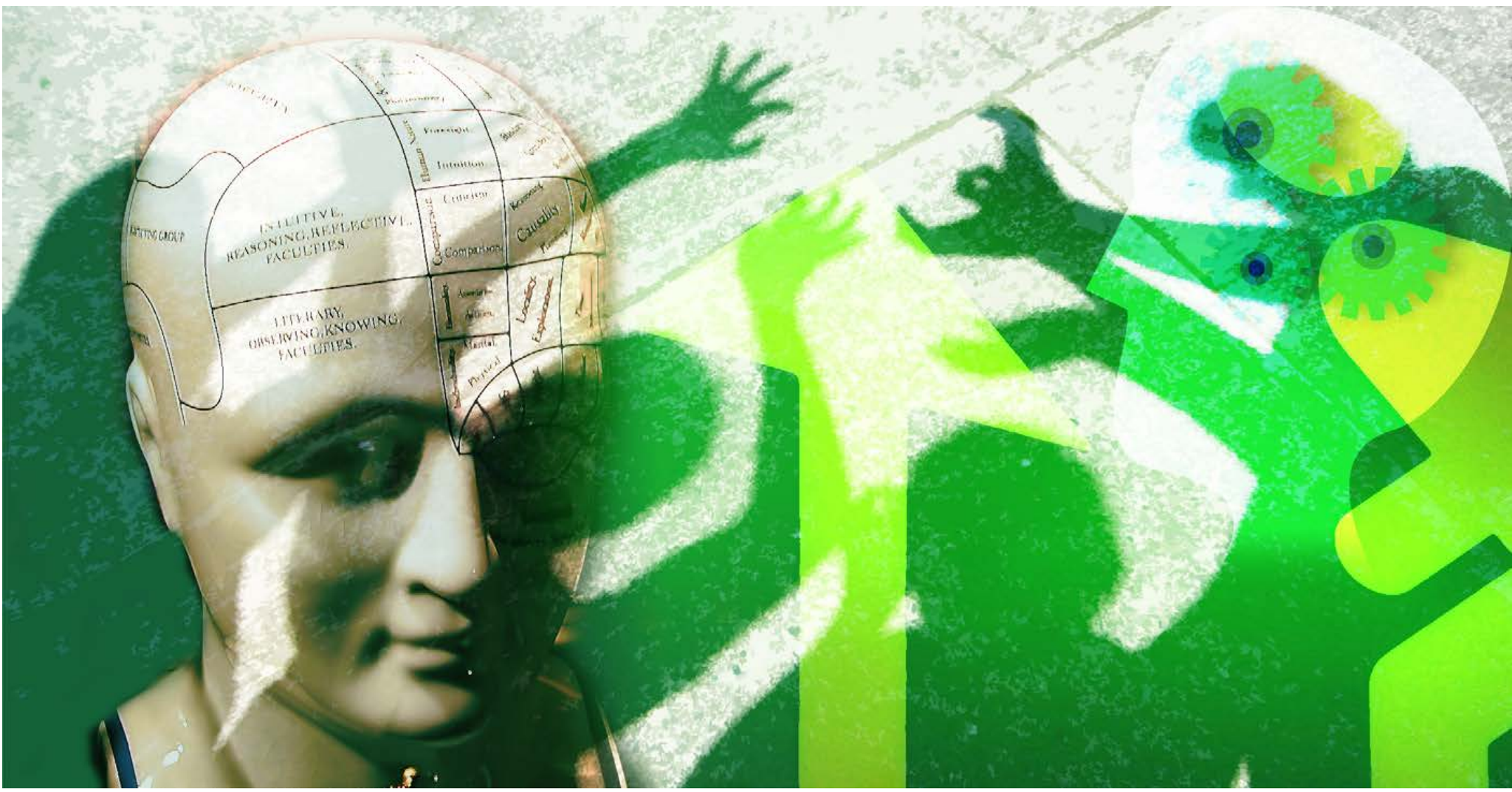
REVISTA
espaçoética
EDUCAÇÃO, GESTÃO E CONSUMO

SÃO PAULO, ANO II, N. 05, MAI./AGO. DE 2015

ISSN 2359-5795



O sistema educacional brasileiro torna vulnerável o exercício da democracia?



Cognição, cultura e educação

Renato Bulcão de Moraes[1]

Edwin Hutchins, em seu livro *Cognition in the wild* (1995), sugeriu a necessidade de uma "etnografia cognitiva", que consiste numa descrição etnográfica que deve distinguir entre a proposição de que a arquitetura da cognição é simbólica e a proposição de que seres humanos são processadores da estrutura simbólica (HUTCHINS, 1995, p. 369).

Hutchins tenta demonstrar como os seres humanos se tornaram manipuladores de símbolos na medida em que participam de sistemas socioculturais. Para ele, os símbolos presentes no ambiente humano são manipulados em decorrência da capacidade cognitiva humana, e devemos diferenciar esta capacidade das propriedades do sistema sociocultural que nasce da interação com os próprios símbolos (HUTCHINS, 1995, p 361). Hutchins discorda do behaviorismo, pois acredita que são as estruturas mentais internas do ser humano interagindo com as ações de comportamento que criam efetivamente a cultura. Bruno Latour percebeu que Hutchins não acredita que a cognição tenha relação com a mente nem com indivíduos, mas com a propagação de representações através de várias mídias que são coordenadas pelo sujeito humano atuando em grupo, imerso numa cultura, utilizando muitos artefatos e que eventualmente conseguem internalizar algumas partes do processo (LATOUR, 1996, p. 56).

Em outras palavras, Hutchins percebe que é mais fácil para o ser humano entender o arco e a flecha enquanto sistema cognitivo, mesmo que não perceba que a Segunda Lei de Newton explique a possibilidade de funcionamento do arco e flecha.

---

1 Bacharel em Filosofia, mestre em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo e doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente é conselheiro da Associação Brasileira de Ensino a Distância, professor da Universidade Paulista e coordenador dos Cursos Livres de Filosofia no Museu da Imagem e do Som. rbulcao@yahoo.com

Segundo Hutchins, nenhuma capacidade cognitiva humana teria sido ampliada pela utilização de uma ferramenta. Latour concorda com ele que cada ferramenta (ou dispositivo) apresenta a seu usuário um tipo diferente de problema cognitivo. Isso exige um conjunto diferente de habilidades cognitivas para sua manipulação, ou mesmo uma organização diferente de um mesmo conjunto de habilidades (HUTCHINS, 1995, p. 154; LATOUR, 1996, p. 56). Assim, entendemos melhor porque há pessoas que dirigem automóveis sem entender como funciona o motor a combustão, e mesmo como crianças que ainda não falam manipulam bem jogos em tablets ou celulares.

Hutchins coloca as ferramentas, artefatos e instrumentos não na mediação entre o ser humano e os objetos, mas como elemento estrutural para a realização de uma tarefa: a ação de bater um prego só faz sentido quando há um martelo envolvido nela. Nesse sentido, Hutchins amplia a ideia de que toda estrutura necessária para o desempenho de uma tarefa é mediadora obrigatória dessa tarefa (HUTCHINS, 1995, p. 290; LATOUR, 1996, p. 57).

Assim, todos os artefatos de mediação e a difusão de determinado comportamento são resultado de uma distribuição de competências para a cognição da consecução de tarefas. Isso leva Latour a sugerir que a proposta de Hutchins coincide com a ideia de Vygotsky, quando este afirma que a utilização de ferramentas molda a cultura e se estende a fenômenos internos. A diferença entre os dois pensadores é que para Hutchins os processos cognitivos não são internos, mas parcialmente e provisoriamente internalizados (HUTCHINS, 1995, p. 312).

O próprio idioma também é pensado enquanto artefato de mediação. Latour percebe que mesmo quando falamos com nós mesmos, memorizamos uma rotina ou inventamos atalhos e regras práticas como a regra de três para superar uma dificuldade de cálculo, estamos atuando da mesma forma que construímos um gráfico ou um mapa. Para Latour, os significados das palavras e do mundo real são coordenados entre si por meio da estrutura de mediação da linguagem (HUTCHINS, 1995, p. 300; LATOUR, 1996, p. 58).

Isso sugere que o comportamento cognitivo humano surge do exercício de formação cultural. São as pessoas que promovem, por meio do comportamento cognitivo, uma ligação entre os diversos objetos, e através do êxito de consecução de tarefas, criam estados significativos de representação, que por sua vez se propagam entre os humanos criando o tecido social.

Neste momento podemos intuir a influência de Foucault para o pensamento de Latour: Foucault afirma que as narrativas são conformadoras quando constituídas e reconstituídas enquanto verdades. Sugere que as verdades unem-se a elas mesmas, constituindo um único mundo orgânico verdadeiro. Esta organicidade permite recursos que exploram os fenômenos, conformando-os por meio de valoração moral (FOUCAULT, 1972, p. 40-45).

Esse sistema de valoração cria o poder na medida em que se espalha de forma capilar por toda a sociedade. Isso cria as circunstâncias de repetição do discurso, que, como vimos com Hutchins, nada mais é do que a repetição de elementos de cognição se difundindo no tecido social.

Como Foucault não explicitou a transição ou movimento entre as micro e macroinstâncias de poder, ele partiu para a análise dos aparelhos de poder que sustentam e conduzem essas relações (FOUCAULT, 1980, p. 117). Se voltarmos então às ideias de vigiar e punir, as propostas de educação estariam sempre reduzidas a escalas de valoração moral sobre as práticas culturais; o ensino de qualidade seria aquele que permite entender melhor a própria construção da hierarquia dos valores morais.

A construção da hierarquia, nesse sentido, por habilitar ao exercício do poder, seria mais importante do que o entendimento do resultado da ação dentro do contexto da cooperação humana. Esse tipo de educação aliena o aluno do entendimento das leis de física

por trás do funcionamento do arco e flecha, mas reforça as opções de permissão moral de seu uso: caçar ou matar. Assim, a ideia de que quanto maior a massa de um corpo, maior é a força necessária para acelerar este corpo acaba distorcida enquanto percepção cognitiva e cultural, e tem seu entendimento restrito a um constructo hierárquico.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *The archaeology of knowledge; and the discourse on language*. New York, NY: Pantheon Books, 1972.

_____. *Power/knowledge*: selected interviews and other writings, 1972–1977. Brighton: Harvester Press, 1980.

HUTCHINS, Edwin. *Cognition in the wild*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

LATOUR, Bruno. Visualisation and cognition: drawing things together. *Knowledge and Society Studies in the Sociology of Culture Past and Present*, Jai Press, v. 6, p. 1-40, 1986.

_____. Cogito ergo sumus! Or psychology swept inside out by the fresh air of the upper deck… A Review of Ed Hutchins' *Cognition in the Wild*. *Mind, Culture and Activity*, v. 3, n. 1, p. 54-63, 1996.

_____; NOVEMBER, Valerie; CAMACHO-HUBNER, Eduardo. Entering a risky territory: space in the age of digital navigation. *Environment and Planning D: Society and Space* v. 28, p. 581-599, 2010.

Imagens: www.freeimages.com e www.morguefile.com